
ELIZABETH
TAYLOR

AS CAPAS DESTA REVISTA SÃO
REPRODUÇÃO FOTOLITOGRAFICA
E IMPRESSÃO OFFSET DA
FOTOGRAVURA NACIONAL, LDA.
RUA DA ROSA, 273 E 277 LISBOA TELEF. 20958

ELIZABETH TAYLOR



ELIZABETH Taylor nasceu em Londres, à beira do rio Tamisa, em 27 de Fevereiro de 1932. Quando abriu os olhos, de um aveludado tom violeta, viu-se rodeada de preciosas figurinhas chinesas, miniaturas, jarrões antigos e quadros de valor. Todas aquelas imagens bailavam diante do seu olhar como se fossem um estranho filme de desenhos animados.

A linda «estrela» que se tornou famosa demasiado cedo...

Seus pais eram Francis Taylor, comerciante de objectos de arte, e Sara Sothern, que tinha sido actriz nos palcos britânicos e novaiorquinos.

Elizabeth parecia uma boneca de porcelana a quem tinha sido dado o dòm de viver. Seus pais reviam-se nos olhos dela e rodeavam-na de mil carinhos para que pudesse sentir-se feliz. A menina compreendia o que pretendiam dela, e muito cedo começou a revelar as suas graças. Aos três anos já mostrava possuir talento artístico, e matriculou-se na Escola de «ballet» do famoso Vaccari, professor da família real inglesa durante duas gerações. Elizabeth dançava diante de princesas reais tal como elas, com a mesma delicadeza e encanto. Educou-se, de prin-

ÁLBUM DOS ARTISTAS
(2.º Volume — Fasc. 9.º)
Edição de Aguiar & Dias, Ltd.ª — Todos os direitos reservados para Portugal, em conformidade com a lei, na apresentação, disposição e conjunto da obra. Distribuidores e Depositários: Agência Portuguesa de Revistas — Rua Saraiva de Carvalho, 207 — Telefones 668639/668684 — LISBOA (Portugal). Composto e impresso nas Oficinas Gráficas de BERTRAND (Irmãos), Ltd.ª. Travessa da Condessa do Rio, 7 — Lisboa.

cípio, no colégio «Byron House», de Londres, e depois levaram-na para o Condado de Kent, para uma magnífica quinta que seus avós possuíam.

Ali tinha uma preceptora, que a adorava e lhe ensinava boas maneiras; recebia também lições de música e pintura. Aos cinco anos já viajava em transatlântico, com seus pais, de Londres a Nova Iorque para visitar os seus outros avós, que viviam nos Estados Unidos. Em Kent, a pequena demonstrou ser uma perfeita amazona, que considerava os cavalos os seus melhores amigos. Conheceu, na quinta de seus avós, o maravilhoso mundo dos animais: «poneys», gatos persas, cães de concurso... E sentia-se feliz naquele lugar.

Assim crescia Elizabeth Taylor: rodeada de cuidados, mimos, histórias fantásticas, música e animais de raça. Um dia, porém, quando já tinha completado 7 anos, a Inglaterra começou a ensombrar-se e a Europa inteira entristeceu-se. A segunda Guerra Mundial começara, e os homens convertiam as terras do Velho Continente em cenários dos seus actos bélicos. O senhor Taylor receou pelos seus, e disse a sua mulher:

— Sara, pensei melhor. Creio que tua família tem razão. Os nossos filhos são muito pequenos. Dentro de uma semana partireis para os Estados Unidos. Assim que arrumar os meus negócios reunir-me-ei a vós e então instalaremos a nossa residência ali.

Tudo sucedeu conforme o senhor Taylor planeara. Seis meses depois reuniu-se a sua esposa e filhos e estabeleceram o seu novo lar em Beverly Hills. Ali instalou também uma magnífica galeria de arte que constituiu a sua grande fonte de recursos.

★

Na Europa a guerra continuava, e o som da pólvora chegava aos Estados Unidos. Os americanos foram mobilizados, e o senhor Taylor ofereceu os seus serviços para a Defesa Passiva Aérea. Durante o serviço conheceu Sam Marx, produtor da Metro-Goldwyn-Mayer. Tornaram-se amigos, e Francis Taylor convidou-o a ir a sua casa para lhe apresentar a família.

A senhora Taylor tinha-se esmerado a arranjar a mesa em honra do convidado, mas Marx, ao sentar-se, só via a pequena Elizabeth, que tinha os olhos postos nele.

— Taylor, a tua filha é uma preciosidade — disse, sem deixar de olhar Liz.

— Já te tinha dito, Sam. Temos tanto orgulho na nossa pequena inglesinha.

— Vem cá, pequena; deixa-me olhar-te bem. Quantos anos tens?

— Nove anos, senhor.

— És exactamente aquilo que eu procuro desde há três meses — disse Marx. — Uma inglesinha de cabelos cor de azeviche, olhos violeta e pele rosada para interpretar o papel de uma pequena castelhana.

— Pretende levar para o cinema a nossa Liz, senhor Marx? — perguntou, sorridente, Sara Taylor.

— É a garota ideal, minha senhora. Roddy McDowall dir-lhes-ia o mesmo. Liz resolveria os meus problemas em «A Cadeia Invisível». Ouve, boneca — prosseguiu, dirigindo-se à menina. — Gostas de animais?

— Mais que tudo no mundo — afirmou, decidida, Elizabeth.

— Fantástico! Gostarias de fazer um filme com a cadela Lassie?

— Oh, sim, muito.

— Nunca imaginei que a tua visita desse este resultado, Sam — interrompeu o pai de Liz. — Se queres fazer as provas a Liz, fá-las; despertaste nela uma ilusão, e Sara e eu pretendemos sempre tornar realidade as ilusões da nossa pequena.

A prova a que foi submetida demonstrou que o produtor não se havia enganado. Liz impressionou os directores do estúdio, não sòmente pela sua estranha beleza mas também pelo aprumo com que representou a pequena cena cinematográfica. Liz recitou depois uma fábula com o mesmo êxito. Todos admiraram a pequena marivilha. Quando se apagaram os projectores, Marx aproximou-se da menina que, ajoelhada, acariciava Lassie.

— Foste muito bem, pequena. Podes ir com Lassie, que vai ser a tua amiga em «A Cadeia Invisível» — disse o produtor, sorridente.

Durante as filmagens, Elizabeth fez-se amiga não só de Lassie, mas também de uma infinidade de animais que entravam na fita: um urso, um leãozinho, ovelhas, uma raposa prateada, um porco espinho e toda uma ninhada de cachorrinhos.

A menina tinha-se convertido em actriz de um dia para o outro. Começou o seu trabalho de rodagem e a sua actuação valeu-lhe um extenso contrato com a Metro. Foi o princípio de uma carreira brilhante.



Desde muito nova que Elizabeth Taylor se habituou a fazer uma vida movimentada e plena de emoções, e sempre gostou de saciar os seus mais pequenos caprichos.



Elizabeth começou a trabalhar para os estúdios da «Metro» aos oito anos, conquistando imediatamente as atenções de todo o mundo. Aos treze anos, gozava já de grande popularidade como menina-prodígio do cinema americano. O triunfo precoce fez dela uma adolescente inquieta, influindo muito no seu carácter e na sua existência.

Para Elizabeth, aquela vida que se abria ante os seus olhos, tinha o encanto do proibido e do fantástico. A pequena sentia-se confusa naquele momento. Não compreendia muito bem o que lhe tinha acontecido assim de repente; todas as pessoas que lhe dirigiam frases amáveis eram novas para ela. Sentia-se bem nos estúdios, e por isso para ali ia pontualmente, e aprendia, como qualquer outra menina, o que fazia no colégio.

Depois, apareceu em «Evocação», e de novo foi solicitada para filmar com Lassie.

— Que alegria, Marx! Tenho sentido a falta de Lassie. Como se vai chamar a fita? Tens que arranjar um nome bonito. Lassie é uma cadela importante.

— Que achas de «O Valor de Lassie»?

— Parece-me estupendo...

Liz continuava nos estúdios. Frequentava a escola da Metro e exercitava-se nos desportos. Tudo fazia crer que estava destinada a ser uma «estrela» no momento oportuno. Liz começara a ver já nos estúdios algo mais do que a distracção que a princípio a divertira. Acreditava sinceramente que o seu lugar era ali, e ali queria triunfar. E a oportunidade apareceu-lhe inesperadamente.



Liz Taylor e Montgomery Cliff são bons amigos. Essa amizade sincera vem do tempo em que filmaram juntos «Um lugar ao sol».

Deambulava, solitária, pelos estúdios, levando ao colo um gatinho que tinha encontrado. Passou por duas raparigas que conversavam.

— Andam à procura de uma boa amazona para «A nobreza corre nas veias». É uma pena que eu tenha tanto medo de montar a cavalo. O papel é óptimo.

— Sim, tenho ouvido dizer que é papel para fazer triunfar uma artista.

As duas raparigas seguiram o seu caminho conversando e Liz ficou pensativa enquanto a última frase que lhes tinha ouvido bailava ainda nos seus ouvidos. Tomou uma decisão rápida e dirigiu-se ao escritório do produtor.

— Venho pedir o papel de amazona em «A nobreza corre nas veias» — disse, em voz baixa mas firme.

— Liz, pedes muito, minha pequena. Sabes que procuramos uma amazona excelente?

— Acabo de o saber, e vim precisamente por isso. Fui educada em Kent, numa enorme propriedade onde abundavam os cavalos de raça. Eles foram sempre os meus melhores amigos...

O director olhou-a um pouco surpreendido. Levantou-se lentamente da sua cadeira, sem deixar de olhar para ela. Pegou na mão da garota.

— Bem! Vem comigo — disse-lhe. — Vamos averiguar agora mesmo todas as tuas habilidades.

Meteram-se no carro dele e dirigiram-se a uma extensa pradaria onde uns cavalos de crinas avermelhadas cheiravam a terra. Saíram do carro e o director disse-lhe:

— Aqui estão os teus amigos. Escolhe o que mais te agradar e monta-o. Eh, tu, rapaz! — gritou, dirigindo-se a um moço que estava a limpar um dos cavalos com uma escova. — Não percas de vista esta menina.

Liz mirou os cavalos com olhos conhecedores.

— Como se chama este? — perguntou ao rapaz, enquanto acariciava um magnífico exemplar que resfolegava nervoso.



Este rosto doloroso assinala a decepção que foi o seu primeiro casamento...

— King Charles, menina; o melhor, mas também o mais perigoso. Tenha cuidado. Vou selá-lo.

King Charles era um puro sangue de patas finas e pêlo vermelho; tinha uma mancha branca na frente, como se fosse uma estrela alargada e uns olhos brilhantes e espertos. Quando ficou pronto, Liz sorriu agradecida para o rapaz e montou àgilmente. King encabritou-se ao sentir o ligeiro peso sobre ele. A rapariguinha não perdeu a serenidade e sustentou com força as rédeas. Quando conseguiu tranquilizar o cavalo empreendeu uma rápida corrida; parecia cortar o vento, e a sua cara reflectia toda a emoção que sentia por poder dominar tão esplêndido animal. Voltou ràpidamente e mudou a corrida de King para um trote ligeiro. O sorriso de Liz desenhava-se-lhe nas faces alegremente ao passar junto do produtor. A voz dele chegou até ela, ampliada pelo eco:

— Magnífico, Liz! O papel de «A nobreza corre nas veias» é teu!

Este papel foi a realização de um formoso sonho para Liz. Os cineastas de toda a América deleitaram-se com a sua fresca e juvenil beleza. Ao terminar as filmagens, o estúdio ofereceu-lhe King Charles. Liz ficou emocionada.

— Oh! É a prenda mais bonita que me podiam dar, Sam.

★

Elizabeth Taylor interpretou, depois, «A Culpa é do Papá» e «Feliz Amanhecer», cujo guião foi especialmente escrito para dar expressão às suas prometedoras qualidades. Era o papel mais apropriado para Liz; interpretava o papel de uma rapariga de 15 anos que cresce no meio de alegrias e desgostos, como qualquer outra rapariga da sua idade, numa terra pequena. Em «Feliz Amanhecer» Liz representou novas cenas pela primeira vez: o seu primeiro vestido de noite, o seu primeiro idílio cinematográfico, o seu primeiro beijo, a sua primeira oportunidade de cantar na rádio. Mas, acima de tudo, o que mais impressionou Elizabeth foi o seu primeiro vestido de baile. Todos os que tiveram ocasião de vê-la diante das câmaras com o seu primeiro vestido de cerimónia repararam, assombrados, que a pequena Liz era já uma mulherzinha deliciosa.

Por essa altura, 1947, Elizabeth foi convidada para uma festa que a jornalista Louella Parsons ofereceu a um director de uma revista que visitava Hollywood. A essa festa compareceram Jane Wyman, Irene Dunne, Tyrone Power, Cary Grant, Joan Crawford e todas as «estrelas» de primeira grandeza da Meca do Cinema. Liz apareceu como por encantamento; ia vestida com um lindíssimo vestido de veludo negro, muito rodado. Estava enleada



Dissipados os sonhos da primeira experiência matrimonial, surgiu na vida de Elizabeth um quarentão experiente e insinuante: o actor inglês Michael Wilding.

e mal podia levantar os seus belos olhos. Quando falou foi com um tímido murmúrio:

— «Miss» Parsons, estou tão excitada! Esta é a minha primeira festa de pessoas crescidas, e este é o meu primeiro vestido de noite fora das câmaras...

E Liz, com todo o encanto da sua ingenuidade, deu uma volta para que Louella Parsons pudesse ver a amplitude da saia de veludo negro.

— Estou bem? — perguntou, deixando transparecer nos olhos a impaciência pela resposta.

— Estás deliciosa, pequena. Não creio que nenhuma das mulheres que assistem a esta festa te possa igualar.

E logo, enquanto dançava mal tocando o solo, voltou a escutar frases parecidas e espontâneas dos homens, que não cessavam de contemplá-la.

— És como um botão de rosa que espalha a sua fragância sem nada perder da sua perfeição... — disse-lhe um francês galante.

Elizabeth tomava consciência de ser admirada, e dias depois pediu timidamente nos estúdios que lhe permitissem arranjar o cabelo como o de Katherine Hepburn. Continuava subindo pouco a pouco os degraus da juventude e da fama. Na escola da Metro distinguia-se também, e ganhava vários prémios em concursos artísticos. Em sua casa pintava e escrevia. Teve ocasião de demonstrar as suas habilidades literárias ao escrever um livro infantil com as aventuras do seu pequeno esquilo, «Nibbles». A ideia do livro surgiu-lhe enquanto filmava uma película em pleno bosque. Um esquilo afeiçoou-se a Liz e ela levou-o para sua casa e escreveu «Nibbles e eu». A própria Elizabeth ilustrou o livro, que foi bem acolhido pelo público. Aprendeu a jogar «badmington» e a andar de bicicleta. Porém, o seu desporto favorito era a equitação, e montada em King Charles percorria os campos todos os fins de semana. Também tocava

piano e aprendia canto. Quem fosse visitar Liz sempre a encontrava rodeada dos seus animais preferidos: peixes, coelhos, tartarugas, patos, cães, gatos e até cobras e ratos.

Entretanto, filmava «Travessuras de Júlia», «A Professora de Rumba» e «Mulherzinhas». A jovem acostumara-se já à sua nova vida e ao seu «trono». Fora dos estúdios vivia muito unida a seus pais, e tinha inteira confiança em sua mãe, que procurava sempre ajudá-la na vida difícil que Liz iniciara. Era completamente diferente daquilo que parecia nas fitas; quando falavam com ela mostrava-se uma rapariguinha assustada, que raras vezes elevava a voz, falando quase num murmúrio. Parecia andar sempre nas nuvens; chamavam-lhe a «Bela sonhadora». Aos 16 anos, os homens admiravam-na como uma linda mulherzinha; e ela sabia dirigir-lhes um olhar de tanta candura que impressionava o menos sensível.

★

Ao completar 16 anos conheceu Glen Davis, que se tinha coberto de glória a bordo dos seus veleiros e nos campos de futebol. Glen Davis, homem desportista e elegante, era muito popular nos meios femininos. Elizabeth era uma menina romântica e sentiu-se fortemente impressionada, quando depois de uma brilhante partida lho apresentaram.

— Sabe que há muito que sonho com esses olhos cor de violeta? — disse-lhe Glen, sorrindo.

Liz, timidamente, baixou os olhos e apenas esboçou imperceptivelmente um sorriso angelical.

No dia seguinte, Liz estava de novo entre os espectadores, que gritavam pelo triunfo de Davis.

— Quisera fazer alguma coisa para que triunfasse — dissera a Davis antes de começar a partida, quando fora cumprimentá-lo.



Todas as grandes «vedetas» são clientes de Al Teitelbaum, um perito em modas femininas. Liz não foge à regra, e ei-la a escolher um luxuoso casaco.

— Basta que o deseje sinceramente; eu sabê-lo-ei. Para mim esta partida decidir-se-á pela sua presença.

Ao rapaz agradava-lhe o sentir-se observado pela «estrela» tão admirada, e sabê-la pendente dos seus movimentos. Continuaram a encontrar-se. Elizabeth, por essa altura, filmava «Mulherzinhas». Exibia-se de braço dado com Glen Davis em todos os lugares concorridos. Sentia-se bem junto dele, como que protegida pela força desportiva do rapaz. Ficaram noivos antes de Glen regressar a Nova Iorque. Ele enfiara-lhe no dedo um anel de brilhantes e ela oferecera-lhe os lábios. Davis beijou-a suavemente; estavam numa mesa isolada de uma pequena pousada; aquele lugar agradava muito a Elizabeth, e costumavam ir ali muitas vezes.

— Querido, sou tão feliz neste momento. E tu? — perguntou Liz, amorosamente.

— Sinto-me como um pagem da corte a quem tivessem dado a filha do rei em recompensa — respondeu Davis, eufórico.

À noite foram juntos a um clube nocturno, e nem Elizabeth nem Davis se preocuparam muito por terem sido os protagonistas de todos os comentários da sala. Liz sentia-se feliz, e nem sequer compreendia muito bem onde começava o amor e terminava o divertimento. Era demasiado jovem, e não sabia ainda que certos excessos de publicidade são prejudiciais. Os pais da «estrela», preocupados pelo tom exibicionista do noivado, admoestavam a filha.



Elizabeth Taylor é uma das mulheres mais bonitas do cinema mundial. A sua cabeleira negra e os seus olhos maravilhosos encantam milhões de cinéfilos.

— Liz, viste os jornais da manhã? — perguntou Sara Taylor.

— Não tive tempo, mamã. Vou já sair; tenho que ir almoçar com Glen.

— ...Mas, filha, é vergonhoso... Esta fotografia tua a beijares Glen não me parece própria.

— Mamã, não tem importância. Toda a gente sabe que estamos noivos. E devem compreender que é o meu primeiro amor — declarou, enquanto beijava a mãe e desaparecia alegremente pelo terraço que conduzia ao jardim.

Elizabeth falava do seu primeiro amor como se pressentisse já que Glen desapareceria mais tarde da sua vida.

Glen Davis partiu para Nova Iorque e seguiram-se longas cartas de um lirismo exaltado. Contudo, as cartas não impediram que Liz, numa viagem que fez a Miami, prestasse atenção às palavras apaixonadas de Bill Pawley, um jovem milionário impressionado pela beleza da actriz. Liz foi passar uma temporada com seu tio Howard, em Palm Beach, e Pawley seguiu-a.

Bill Pawley era menos simpático que Davis, mas para Liz tinha a grande vantagem de estar junto dela, e não ter, portanto, que esperar sempre o correio. Bill era, além disso, um homem apaixonado, que sabia servir-se do seu dinheiro

O 1.º casamento...



Impetuosa, ardente, sedenta de viver, a bela Elizabeth experimentou o casamento demasiado cedo. Dentre os rapazes de famílias distintas com quem habitualmente se relacionava, um houve que a atraiu muito especialmente: Nick Hilton, filho de um dos mais ricos comerciantes dos Estados Unidos. Após um breve idílio, uniram-se pelo matrimónio em 6 de Maio de 1950, quando ainda a jovem «estrela» não tinha completado os dezoito anos. Em breve Liz se ressentiu do erro da precipitação, e, em 29 de Janeiro de 1951, consumava-se o divórcio. Nestas páginas, vemos três imagens do casal, uma das quais (a da página à direita) obtida durante a cerimónia do enlace.





com delicadeza quando se tratava de agradar a uma jovem como Elizabeth. Contìnuamente rodeava de atenções a noiva de Davis, e quando acreditou que era chegado o momento pegou na mão de Liz e substituiu os pequenos brilhantes do campeão desportista por um grande e resplandecente diamante.

— Liz, quero que sejas minha esposa, e estou disposto a tudo para consegui-lo — disse com energia, fixando os olhos surpresos da rapariguinha.

— Mas... eu tenho que pensar antes... — titubeava Liz.

— Não, querida. O teu desportista é um mito que mantens por correspondência. Eu amo-te siiceramente, e falo-te de realidades, compreendes?

Liz calou-se, reflectindo; pensava que realmente este era um bonito desenlace, e o caso é que começava a estar enamorada de Bill como antes o tinha estado de Glen. Valia a pena continuar.

De novo se falou de Elizabeth Taylor e do seu noivo, o milionário Pawley. Os jornais, também desta vez, publicaram fotografias sensacionais do par em todos os ambientes românticos imagináveis. Liz olhando apaixonadamente Pawley. O seu noivo tornava-se, cada dia que passava,



MAMÃ AFECTUOSA...

Apesar do seu temperamento buliçoso, parece que ninguém, em Hollywood, acusa Elizabeth de não ser uma cuidadosa mãe. Pelo contrário, as crónicas locais consideram-na «uma afectuosa mamã». Aqui, vemo-la com os dois filhos — Michael Howard (o mais velho) e Christopher Edward — ambos do seu segundo matrimónio com Michael Wilding.

mais taciturno, mais ciumento; a autoridade de Bill impunha-se cada vez mais. Liz apresentou o futuro marido a seus pais, e Sara Sothern não pôde dissimular o seu contentamento. Elizabeth estava sentada na relva e brincava com Nibbles, que se esfregava docemente pela cara da sua dona. Bill sabia que tinha de ter paciência com Elizabeth; que era ainda muito jovem e impulsiva. Ela é a primeira a falar; levanta para ele os seus olhos sonhadores e convida-o a sentar-se na relva, junto dela.

— Bill, tenho que regressar a Hollywood; recebi uma carta dos estúdios. Tenho de começar a filmar uma nova película.

— Liz, vais ser minha esposa; não creio que vás ter tempo para te dedicares ao cinema, e é melhor que o deixes agora que mais tarde.

— Está bem, Bill; estou disposta a renunciar ao cinema, se isso te faz feliz. No entanto, terei que ir a Hollywood para expor as minhas razões, não achas?

— Sim, pequenina. Iremos.

— Óptimo. Queres ajudar-me a encontrar a melhor desculpa para lhes dar?

Bill agarrou-a pelos ombros, e disse, rindo maliciosamente:

— Dize-lhes que terás de dedicar-te por completo a teu marido e a nossos futuros filhos, que serão cinco pelo menos.

Aquela cena fazia prever um desenlace com música de Mendelshon; no entanto, foi depressa esquecida. Assim que Elizabeth regressou a Hollywood, falou com Sam Marx acerca da sua resolução. O homem olhou-a fixamente e seguiu-se um silêncio durante o qual se ouviu mais distintamente os ruídos, as vozes, os movimentos das câmaras, tudo aquilo que tão familiar era para a rapariga que falava de abandonar os estúdios. A voz do produtor chegou até ela, lenta e tranquila:

— De maneira que resolveste pôr ponto final na tua carreira? Não só te recusas a filmar «Tentação», como dizes que a tua felicidade está acima de todo este mundo onde te tens feito mulher.

— Sim, Sam. É assim. E a mamã também quer que o deixe e me case com Pawley.

— Estás muito enamorada?

— Creio que sim.

— Sabes que és muito nova? Nós ainda não tentámos lançar-te em papéis de mãe com cinco filhos, Liz. Não te consideramos preparada para isso. Falta-te experiência e segurança. Ele tem muito dinheiro, não é assim?

Elizabeth estava já arrependida de ter falado, e sentia vontade de chorar.

— Já não oiço mais nada senão conselhos, e toda a gente me diz que devo casar com Bill — tentou desculpar-se.

— Olha, pequena; nós só desejamos o teu bem. Estamos tratando de fazer de ti uma das nossas melhores «estrelas», tens faculdades para isso, e eu sentiria deveras que abandonasses tudo isto agora que chegou o momento de demonstrar que assimilaste já a tua aprendizagem. Parece-me uma cobardia, mas se Pawley é tão egoísta que te proíbe o continuares a nosso lado, faz-lhe a vontade. Contudo, não posso dizer-te que concordo com ele.

— Tentarei convencer Bill...

— Não o conseguirás, Liz. Ele sabe o que tu vales.

Ao sair do escritório de Marx, Pawley esperava-a.

— Está tudo solucionado, querida? Vamos fixar a data da boda? — inquiriu, com optimismo.

Liz estava triste; não parecia a raparíguinha alegre e despreocupada dos outros dias. A sua voz soou distante e cansada, como se tivesse travado uma batalha intensa.

— Não haverá boda, Bill...

Bill ficou sério repentinamente, e quando falou foi duro e brutal; nem sequer deu conta de que Liz sofria.

— Convenceram-te lá dentro, não é assim?

Liz tinha os olhos rasos de água, e assim mais pareciam ter tomado a cor do mar numa linda noite de verão.

— Procura compreender-me, Bill; estou cansada. Penso que sou ainda demasiado jovem, querido. Apenas tenho 17 anos... Casar-me representaria demasiada responsabilidade.

— Parece-me entender que preferes toda a mentira que há aí dentro ao meu carinho, Liz — disse, agressivo, Pawley.

— Por favor, Bill. Não me atormentes; sabes que te amo.

— Não, Liz, isso não é amor; mas apenas um capricho que foi vencido por essas malditas câmaras. Não tenho mais nada a dizer-te. Se soubesse que com rogos ou ameaças conseguiria que me seguisses, fá-lo-ia, mas vejo que seria inútil. Será melhor, portanto, renunciar. Que tenhas sabido escolher é o que importa.



Um curioso acto a que nenhum artista famoso de Hollywood se pode esquivar: a impressão dos pés e das mãos numa placa de cimento do «Teatro Chinês». O actor Rock Hudson e um cineasta ajudam Liz nessa tarefa.

Liz viu-se só; o carro de Pawley tinha desaparecido. Ela ficou no passeio, desconcertada e chorosa. Voltou a entrar lentamente nos estúdios. Ali tudo seguia como sempre, a sua tristeza não contava. Operadores, caracterizadores, gente vestida das maneiras mais singalares e a todas as épocas, focos, cenários... Ela estava triste, mas aquele era o seu mundo, e tinha sido sincera.

Quando o rompimento apareceu nos jornais, aquele público que não tinha perdoado a Liz o ter preferido um milionário ao desportista, criticou com severidade a sua atitude em relação a Pawley. A imprensa, que até então só tinha tido palavras de elogio e de indulgência para com a «estrela», insinuou que um castigo público lhe faria bem. Liz chorou como uma menina nos braços de Sara Taylor.

— Tudo isto é odioso, mamã. Agora censuram-me que tenha renunciado a Bill e aos seus milhões, mas antes criticaram-me por ter acabado com Davis.

— És demasiado impulsiva. Eu também desejava o teu matrimónio com Bill.

— Mas sois injustos comigo e eu estou disposta a demonstrá-lo. Da próxima vez guiar-me-ei pelo meu coração e não pelos conselhos dos outros.

★

Nos estúdios a sua carreira artística subia vertiginosamente. Trabalhava com todos os «astros» de primeira grandeza. Em 1950 filmou «O Pai da Noiva», com Spencer Tracy, Joan Bennet e Don Taylor. Esse ano seria decisivo para Liz. Conheceu Nicholas Conrad Hilton: jovem, belo moço, filho do magnate hoteleiro Conrad Hilton e por direito próprio um jovem director de hotéis que abria caminho e prosperava. Liz enamorou-se perdidamente dele. Nick, que havia crescido junto de um pai riquíssimo, cheio de indulgência para todas as suas frivolidades, era um jovem um tanto estroina. Passeava pelo mundo a sua simpatia e a sua jovialidade; e a maior parte das vezes o seu mundo reduzia-se a Monte Carlo, Deauville, Copacabana, Estoril, o Lido de Veneza e Palm Beach, em Miami. Conheceram-se num festival cinematográfico. A Hilton não lhe passou despercebida a beleza da jovem, e quis entabular conversa com ela.

— Tenho a honra de me apresentar à mulher mais formosa do mundo. Nick Hilton, o seu mais humilde e rendido admirador — disse graciosamente, inclinando-se numa grotesca reverência.

Liz sorriu e estendeu-lhe a mão, que ele reteve entre as suas e levou com certa emoção aos lábios. Havia gente demasiada em redor deles, e Nick, sem deixar a mão de Elizabeth, conduziu-a até um recanto do jardim. Sentaram-se frente a frente numa mesinha e beberam champanhe. Olhavam-se nos olhos e sorriam. Nick pensava, ao olhá-la, que Liz era a flor mais bela de todas quantas ali estavam, e que ela lhe estava reservada. Levantaram-se, e ali mesmo, numa clareira do jardim, começaram a dançar.

— És uma pena a dançar, Elizabeth.. Como uma princesa.

— Talvez por ter bailado com elas...



Durante alguns anos, Elizabeth e Michael Wilding pareceram formar um casal felicíssimo, cuja diferença de idades dir-se-ia assegurar a boa união dos cônjuges, em vez de a pôr em perigo. Afinal, não escaparam ao divórcio. Alguém obteve esta foto de Liz e Michael, que reflecte bem a desilusão de ambos, após uma felicidade efémera.



Durante as filmagens de «O Gigante», Elizabeth aguarda as ordens do realizador, sentada na tradicional cadeira de lona. O seu rosto «envelhecido» é produto da maquilhagem, para corresponder às exigências do papel.

O saudoso James Dean era o conversador seu preferido, durante a rodagem de «O Gigante».



À espera da câmara...

Durante a rodagem de uma película, os artistas já sabem que têm de contar com os numerosos e enfadonhos «intervalos de filmagem», ou seja, os períodos em que os diversos técnicos dispõem a câmara, os projectores e os adereços para a cena que se vai filmar. Os «astros» e as «estrelas» preenchem esses espaços de tempo — que, às vezes, não são muito breves — entretendo-se a conversar, a jogar, a beber um café ou um refresco, ou simplesmente a descansar de alguma filmagem mais extenuante, ou de uma noitada até altas horas (porque, enfim, os artistas também gostam de se divertir...). Nestas páginas podemos ver Elizabeth Taylor nalguns desses «intervalos», à espera da câmara...

Outro intervalo de filmagens de «O Gigante». O realizador George Stevens, Elizabeth e Rock Hudson, meio entorpecidos pelo calor, esperam que os assistentes preparem o «set».



Anos depois de terem feito «Um lugar ao sol», Liz Taylor e Montgomery Clift voltam a ser companheiros de filmagens em «A Árvore da Vida».





A beleza e a personalidade sugestivas de Elizabeth ajustaram-se admiràvelmente à figura de Rebeca, em «Ivanhoe».

— Não o duvido. Em ti, tudo o que é fantástico torna-se em realidade; como nos contos.

— Sonhador?

— Olhando-te nos olhos nada mais posso fazer senão sonhar. Sonhar acordado com a tua beleza.

— Os contos pertencem ao mundo dos meninos — disse ela, pensativa.

— Sim. E têm um fim feliz e venturoso. Olha, Elizabeth, vamos fazer um conto, tu e eu, queres? Não o deixemos escapar.

— Bem, e como? — perguntou, ingénua, Liz.

Hilton deteve-se, deixando de dançar.

— Construindo um final feliz para ele.

— Não deve ser fácil consegui-lo. Eu não sei.

— Contigo a meu lado tudo será fácil. Só necessito ter os teus olhos da cor das violetas perto de mim. Poderíamos casar-nos, não te parece? — disse, superficial.

— Voas demasiado. Sou muito nova — contestou ela, no mesmo tom festivo.

— És maravilhosa, e isso é que importa. — Nick fez uma pausa e caminharam até à balaustrada. — Sabes, Elizabeth, que consigo tudo o que quero?

— Com rapidez, senhor Hilton? — perguntou, «coquette».

— Já vai ter oportunidade de o verificar, menina Taylor.

Riam de bom grado e não faltou um repórter que fotografasse o par que acabava de conhecer-se e estava construindo castelos no ar.

Nick Hilton compreendeu que com Elizabeth não podia ter mais uma aventura, e decidiu seguir por outro caminho. O terceiro noivado da «estrela» teve a maior publicidade que se possa imaginar. Publicavam-se e fotografavam-se todos os seus passos. Parecia o idílio do século. Foi um noivado curto, e a 6 de Maio de 1950 realizava-se o casamento. Os jornais relataram nas suas páginas desde o beijo nupcial até ao detalhe mais vaporoso do enxoval da noiva. Fizeram-no em todo o estilo romântico, como era próprio. Ao sair da igreja, subindo para o carro, Nick beijou Liz apaixonadamente.

— Querida, a Europa espera impaciente por poder admirar a tua beleza.

No «Jorge V», Nick, tal como um garoto, pendurou na porta dos aposentos um cartão que dizia: «Não incomodar». Os vizinhos de hotel suspiravam e sorriam ao passar perante a porta para lá da qual reinava o amor.

— Vamos à conquista de Paris!

Liz, pouco a pouco, na sua lua-de-mel, ia-se transformando de Gata Borralheira em mulherzinha inglesa séria e responsável. Tudo aquilo não lhe agradava: cabarés com espectáculos pouco agradáveis para ela; olhando seu marido via como ele seguia com agrado os movimentos das bailarinas. Liz era uma menina a quem se ensinava pela primeira vez o que até então lhe estivera vedado.

— Já é tempo que te acostumes a conhecer o mundo, querida. Não tens que recear nada.

— Não tenho medo de nada, Nick; mas tudo isto é desagradável e feio.

— Tens ciúmes destas pobres mulheres? Julgava-te mais complacente — disse Nick, nervoso.

Liz estava quase a chorar. Nick notou-o; atraiu-a a si e beijou-a. Saíram do cabaré ao som de uma música estridente.

— Vamos, querida; não quero fazer-te sofrer. Vamos para a Côte d'Azur. Lá estarás mais no teu ambiente.

Em Monte Carlo, Liz observou um brilho novo nos olhos do marido. Foi ao entrarem no Casino. Esse olhar deixou-a inquieta.

— Aqui tenho passado centenas de noites, Liz. Vem, vamos jogar; vais gostar.

Liz olhava para tudo com reserva. A sua inquietação era lógica. Nick, obcecado pelo jogo, mal prestava atenção a sua esposa. De dia, as corridas; à noite, as

mesas de jogo. Liz sentia-se desolada, e sofria. Uma noite, Liz entrou só no hotel, convencida de que seu marido a abandonara. Deitada em cima da cama, chora desconsoladamente. De madrugada, Nick, cansado das horas de tensão passadas em frente do pano verde, com os olhos febris, sem um centavo, regressa aos seus aposentos. Ela vem ao encontro dele.

— Nick, não podemos continuar assim. São quatro horas da manhã e devíamos ter ceado juntos. Senti-me tão só...

— Por favor, querida, guarda as tuas cenas de esposa abandonada para as filmagens. Estou cansado e não tenho vontade de discutir. Tenta dormir.

— Perdeste muito, Nick?

— Tudo, Liz. Não tenho nem um centavo. Monte Carlo é o dono do meu dinheiro, presentemente; até da minha camisa.

— É horrível, Nick — disse a rapariga, angustiada, com a cara entre as mãos. — Que faremos?

— Temo que tenhamos de ficar aqui como penhor. A roleta venceu-nos.

— Querido, voltemos a casa; isto é insuportável. Estás a provocar a nossa infelicidade. Esta noite, no meio da minha solidão, tive medo de estar casada contigo. Sentia como se realmente tu me tivesses esquecido. Não quero estar aqui mais tempo, Nick; tenho sido muito desgraçada.

Os soluços mal deixavam Hilton entender as palavras dela.

— Não podemos ir, Liz; não tenho dinheiro — disse ele, acariciando mecânicamente o cabelo de sua esposa.

— Penso que tenho o suficiente para comprar os bilhetes amanhã mesmo.

— Não posso consentir que gastes as tuas economias com isto.

— Vamos, querido; sou tua esposa, não tem importância. Darei o dinheiro por bem empregado se regressarmos a Nova Iorque.

— Sinto que esta viagem não tenha sido para ti o que desejavas. Compreendi tarde que sou casado com uma boneca mimada. Lamento verdadeiramente tudo isto. Tens que perdoar-me. Tens-te sentido muito só?

O 2.° casamento...

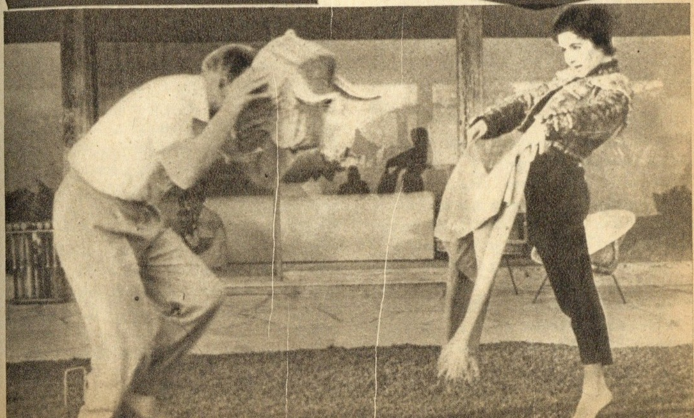


Liz e Michael sorriem exuberantemente, no aeroporto de Londres. Exibem-se como dois ternos namorados, mas já nesta altura circulam rumores acerca de um possível divórcio, cuja confirmação seria anunciada, semanas depois, pela Metro-Goldwyn-Mayer.



Elizabeth e Michael Wilding conheceram-se em Londres, e casaram em 21 de Fevereiro de 1952. A sua felicidade conjugal parecia intangível. O seu lar era um modelo de boa harmonia e carinho.

Toda a gente se referia com admiração ao perfeito entendimento que ligava os dois cônjuges, não obstante Michael ser quinze anos mais velho que a mulher. Em casa, chegavam a partilhar de brincadeiras infantis. O seu divórcio deixou muitos amigos espantados.





Afirma-se em Hollywood que ela é tão naturalmente amorosa que, depois desta cena de ternura em «O Gigante», Rock Hudson não conseguiu encará-la, durante algum tempo, como simples camarada.

Liz concordou e perguntou, em voz trémula:

— Ainda me queres, Nick?

— Pois claro que sim, criança. Mas quero-te de forma diferente daquela como tu me queres. Amo-te, Liz, mas quero apostar nas corridas e quero ver dançar as mulheres dos cabarés e quero beber champanhe e jogar muito dinheiro na roleta ou no «poker». Tudo isso eu quero.

— Talvez nos tenhamos enganado, Nick — disse, com voz cansada, Liz. — Não estou habituada a que me amem assim. Tem sido tudo muito mais simples até agora.

— Tu estás acostumada a ser uma pequena princesa; eu também cresci como se estivesse num trono, Liz. E esqueço com frequência que tenho que amimar-te como a uma menina e prestar-te homenagens como a uma rainha. Perdoa-me.

Regressaram aos Estados Unidos e foram viver no esplêndido hotel «Bel-Air», em Nova Iorque. Quando Elizabeth regressou a Hollywood começou a filmar «O Pai é Avô»; e mostrava, como uma princesita que tivesse aprendido o seu papel, um cãozinho que Nick acabara de lhe oferecer e que ela andava a tentar ensinar a fazer habilidades. Diante das câmaras sentia-se feliz e esquecia a sua vida íntima, que por vezes se lhe tornava intolerável.

A «Paramount» solicitou à «Metro» que lhe cedesse Elizabeth Taylor para interpretar um papel em «Um Lugar ao Sol», ao lado de Montgomery Clift e dirigida por George Stevens. O papel parecia ter sido feito para ela, e foi uma das maiores satisfações que teve naqueles tempos. Entregou-se a ele de alma e coração e obteve um grande triunfo.

Passados seis meses de ter contraído matrimónio, foi dada a notícia da sua separação do multimilionário: «Elizabeth Taylor, a mais tentadora divorciada de Nova Iorque». Para seus pais, a notícia constituiu um sério desgosto. Elizabeth negou-se a voltar para casa dos senhores Taylor e foi viver com a sua secretária, uma senhora mais velha, em quem confiava inteiramente. Fazendo face ao escândalo, Liz adoptou uma alegria frívola para se não sentir lamentada. O fracasso do seu matrimónio era um assunto que só a ela e Nick interessava; consequência na realidade da juventude e da inexperiência dos dois. Começou a aparecer muito pelo braço de Stanley Donen, o jovem director de «Um Americano em Paris». Liz necessitava da protecção de um adulto, e Donen era um dos melhores dos novos directores de Hollywood. Muito inteligente e culto; isto impressionou, aparentemente, Elizabeth. Com ele frequentava todos os clubes nocturnos de Hollywood; flirtava e ria. Os seus protectores nos estúdios repreenderam-na:

— Mas onde está a minha falta — perguntava Elizabeth com os olhos humedecidos. — Que culpa tenho eu de ter um corpo de mulher e um espírito de criança? Esta é a vossa frase, não?

A conversa foi interrompida por Jean Simmons; a magnífica «estrela» inglesa, íntima amiga de Elizabeth Taylor. As duas da mesma idade, inglesas, cabelo curto e olhares sonhadores em rostos de beleza angelical.

— Querida Liz. Não estão certos esses choros. Não quero ver-te assim. Vais contar-me o que te sucede?

— Sou muito infeliz, Jean, e estou terrìvelmente só.

— De modo nenhum; todos estamos dispostos a ajudar-te. Se choras por esse palerma do Hilton, não vale a pena.



Num «exterior de época» construído nos terrenos dos estúdios da «Metro», Elizabeth e Eve Marie Saint, com os trajos de «acção», dirigem-se para o local das filmagens.

Sam fez um gesto de cumplicidade a Jean Simmons e saiu da sala. Jean secava as lágrimas de Liz com o seu lenço e sorria docemente.

— Não é isso exactamente, Jean. Mas estou decepcionada e desorientada. Discuti com minha mãe por causa do meu divórcio, e sei que necessito da sua ajuda ou da de alguém que me estime.

— Olha, Liz; penso que de momento precisas sair deste ambiente de maledicências e de crticas. Porque não vens a Londres comigo? A Inglaterra far-te-á bem por agora.

★

As duas amigas foram a Londres. Elizabeth conheceu ali outro actor seu compatriota, Michael Wilding. Foi numa tarde em que Jean Simmons se tinha encontrado com o seu grande amor, Stewart Granger. As suas últimas palavras foram:

— Stewart, virá comigo Elizabeth Taylor; sabes que é a minha melhor amiga e anda tão triste. Porque não convidas o teu amigo Wilding a vir connosco?

Michael Wilding, quarenta anos, princípios de calvície e cachimbo sempre aceso. Tinha um espírito boémio, e quando conheceu Elizabeth sentiu-se imediatamente impressionado pela candura infantil da inglesinha. De regresso a casa, depois de haverem deixado as duas raparigas, Michael disse para o seu íntimo amigo desde há vinte anos:

— Stewart, é a primeira vez que me sinto disposto a brincar com bonecas diante de uma mulher.

— Não estarás apaixonado por ela, Mike?

— Não sei, meu amigo. Só sei que trago os seus olhos sonhadores dentro dos meus.

— Oh, Mike! Lembra-te que me vou casar com Jean, e os seus olhos também me pareciam os mais sonhadores e maravilhosos do mundo — disse, alegremente, Stewart.

O 3.° casamento...





EM CIMA: Elizabeth e o seu terceiro marido, Mike Todd, na «première», em Nova Iorque, de «A Volta ao Mundo em 80 Dias», a mais grandiosa película do ano, realizada por Todd. Ao lado e em baixo, outras imagens da vida mundana do casal.





Imagem da cerimónia do casamento de Elizabeth Taylor com Mike Todd. Da esquerda para a direita: Elizabeth, Mike Todd, Enrique Hernandez, a actriz Debbie Reynolds, o filho de Mike Todd, o actor-cantor Eddie Fisher (marido de Debbie) e o famoso «astro» mexicano Cantinflas. Este foi o padrinho de casamento de Todd.





A «estrela» sorri, feliz, para o marido, na noite em que este recebeu o «Oscar» da Academia das Artes e Ciências Cinematográficas de Hollywood, pelo seu filme «A Volta ao Mundo em 80 dias».

Jean Simmons e Stewart Granger casaram-se logo a seguir, e Liz continuava sendo a amiga inseparável do feliz par, quando estes regressaram da sua lua de mel. Encontrava a miúdo Wilding no lar dos Granger, que se sentia ali como na sua própria casa.

— Michael, não tens ambições?

— Eu não ambiciono mais do que possuo, pequenina; a ambição faz os homens maus, e em nome dela devoram-se uns aos outros. Eu gosto da simplicidade. Viver em paz e de bom humor, é a minha ambição.

— É estranho! — disse Liz, pensativa.

— O que é estranho, pequenina? — inquiriu, sorridente, Michael.

— A tua simplicidade; a tua despreocupação sã.

— Liz, sinto um sincero afecto por ti, e é por isso que contra o meu costume, quando te tenho perto de mim, sinto desejos de falar-te e contar-te histórias bonitas. Eu sou pouco falador, sabes? Não deves estranhar a minha simplicidade, ela não é afectada, e nada que seja espontâneo deve surpreender-te. Procuro ser verdadeiro. Não sou cínico. Sou um boémio sem complicações; não me preocupa o dinheiro porque vivo feliz com aquele que tenho; não quero sacrificar o meu tempo, a minha vida ao dinheiro. Aspiro à comodidade, à vida tranquila e queria levar um pouquito de mim mesmo até ti.

Michael levantou-se e ajudou Elizabeth a levantar-se. Depois continuou:

— Quando vinha para aqui vi uns grands cartazes coloridos anunciando o circo. Queres vir comigo ao circo?

Liz diveria-se junto de Wilding observando os trapezistas que cruzavam o ar como se tivessem asas. Há muito tempo que não ia ao Circo e, ao lado de Michael, aquele mundo de animais, palhaços e trapezistas metidos naquele círculo plano parecia-lhe um espectáculo nunca visto.

Elizabeth filmou «Ivanhoe». O filme foi um êxito. O seu papel era já o de uma mulher em toda a plenitude da sua beleza, cheia de paixão e de atractivos.

Quando regressou a Hollywood, Michael Wilding voltou a estar com ela.

E assim tudo voltou a ser agradável na vida de Elizabeth. Michael Wilding estava a seu lado, e os dois juntos iam pelos caminhos cantando canções russas alegremente. Liz, ao lado de Wilding, tomava verdadeiro gosto pela vida. Com ele não sabia nunca exactamente a hora do almoço ou do jantar; comiam quando lhes apetecia e brincavam com animais à hora em que ela teria estado com Nick num cabaré. Os maliciosos de Hollywood quiseram pô-la de sobreaviso.

— Cuidado, Liz. É perigosa para ti a intimidade de um homem que tem 20 anos mais do que tu. São demasiado conhecidas as suas aventuras.

— Liz — dizia outra — Wilding é um boémio sem dinheiro nem projectos. Não toma nada a sério, nem sequer ele próprio. Esteve durante dois meses enamorado de uma mulher que podia ser tua mãe, Marlene Dietrich, e tu não te pareces em nada com Marlene.

— Agradeço os vossos conselhos — respondia amàvelmente Elizabeth — mas é bom que saibam que já não sou a rapariguinha de há dois anos, que necessitava de ser aconselhada. Michael e eu estamos noivos.

Mais tarde, debaixo do sol do meio-dia, sentados num terraço da piscina, depois de um estupendo exercício de natação, Liz contava a Wilding esta conversa. Ele ficou sério repentinamente. Não tinha pensado na palavra «matrimónio», nem havia feito questão desse assunto.

— Liz, fazes-me uma grande honra... Mas, desgraçadamente, não estou em situação de poder fazer-te minha esposa. Eu tenho muito pouco para te oferecer, pequenina, além do meu carinho. Já vês, neste momento nem sequer tenho dólares para poder comprar-te um anel de noi-

Algumas imagens da vida de Liz



Elizabeth Rosemond Taylor nasceu em Londres a 27 de Fevereiro de 1932. Não muito tempo depois do nascimento, pousou para esta foto com sua mãe, Sara Sothern Taylor.



Um instantâneo tirado na praia, aos dois anos de idade. A pequenina Liz gostava muito do ar livre, da água do mar e da areia. Esta expressão grave foi devida à presença do fotógrafo.



Aos três anos, Elizabeth era uma encantadora menina de cabelos negros e olhos azuis, que mais parecia uma boneca mimosa. Tinha, já, um rosto sonhador.



Com o irmão mais velho, Howard, em Londres. Tinha, então, quatro anos, e tomava lições de dança clássica. Quatro anos mais tarde, os pais mudaram-se para Hollywood.

vado. O meu pequeno capital está em Londres...

— Querido, nem com a jóia mais preciosa do mundo eu me sentiria mais presa a ti do que neste momento. O teu amor é a única coisa que me interessa, Mike. Estou profundamente apaixonada por ti — disse docemente e cheia de ternura.

— Pequenina — disse Mike, levando as mãos de Liz aos lábios — gostaria de habituar-te à minha vida vagabunda. Já vês, só posso oferecer-te ramos de violetas.

— Mike, o teu gesto ao entregar-mas, ontem à noite, era próprio para umas orquídeas. As orquídeas nunca me pareceram tão maravilhosas como aquelas violetas.

— Comigo, Liz, as festas têm que fazer-se sem nada, só com ilusões; a alegria teremos que a levar nós nas nossas mãos e não poderá depender nunca de um champanhe caro. Tu dizes sempre que possuo um segredo para seduzir e fazer sorrir os criados de hotel, mas ainda não consegui abrandar a máquina registadora que eles têm por coração.

— Querido, deverias saber que eu tenho pretendido sempre não ser uma mulher interesseira — explicou, muito séria, Elizabeth. — Não quero falar disto contigo, mas depois do meu fracasso com Nick recusei a pensão que ele quis oferecer-me. Recusei os milhões de Pawley porque a minha felicidade não era questão de dólares. Creio que aprendi a conhecer as realidades, e tu és o que de melhor apareceu na minha vida.

— Está bem, pequenina. Olha: eu tenho que regressar agora a Londres para filmar. Tu vais pensar em tudo isto; fá-lo-ás com mais calma se eu não estiver. Se decidires casar comigo serei muito feliz; só terei que recordar-te que em nossa casa a ironia e o bom humor serão indispensáveis e obrigatórios; se decidires o contrário eu farei votos pela tua felicidade e ficarei muito triste, querida — terminou, estreitando-a nos braços e beijando-a longamente.

★

Dias depois, Liz voltou a ficar só. Todos os homens que suspiravam por ela se precipitaram a oferecer-lhe o seu amor e as suas riquezas. Liz fugia deles e permanecia distante de tudo o que não fosse a recordação do seu trovador londrino. Elizabeth reflectou com serenidade. Com a mente clara e de ânimo decidido telefonou a Wilding numa noite de Fevereiro: «Devemos casar-nos imediatamente, querido. Não quero esperar mais».

— Espero-te desde este momento, pequenina — respondeu, alegre, a voz longínqua do homem.

Dois dias depois, Liz sorria feliz entre os braços amorosos de Wilding.

Em 21 de Fevereiro de 1952, Elizabeth casou-se com Michael Wilding. A cerimónia celebrou-se em Londres.

Quando saíam do «Caxton Hall», a senhora Wilding vestia um fato cinzento pérola enfeitado com a rosa da felicidade. Mais de três mil pessoas a aclamaram com tanto entusiasmo que foi necessário que um polícia a conduzisse até ao carro que os levava para a lua-de-mel.

Outra vez Paris: um hotel discreto, um carro de aluguer e um almoço na «Tour d'Argent». Com Mike conheceu oûtro Paris: os antiquários da margem do Sena, as salas de festas russas, os cançonetistas, o mundo de Montmartre... Uma semana nos Alpes-d'Huez, sobre a neve. Elizabeth não levava nem um vestido de noite na sua bagagem.

★

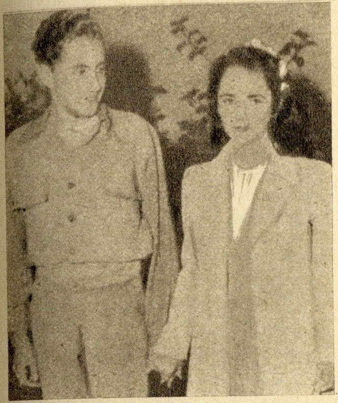
...Passaram três anos, durante os quais nasceu um rapazinho, Michael Howard. Liz filmou, nesta altura, «Rapsódia». O seu esposo conseguiu um contrato com a Metro que, contudo, não tinha a impor-



Junto dos grandes estúdios cinematográficos de Los Angeles, a pequena Liz atraiu a atenção de um representante da Universal, e foi contratado para fazer um filme.



Foi aos nove anos que principiou a sério a carreira artística de Elizabeth, quando os estúdios da «Metro» a contrataram a longo prazo e a fizeram ingressar na sua «escola de talentos».



Mais crescidinha, e já com muitos admiradores, Elizabeth começou a deixar-se acompanhar por um ou outro rapaz que se lhe mostrava mais simpático.



Liz sempre revelou um temperamento demasiado infantil. Durante uma viagem que fez por necessidade de filmagens, arranjou um minúsculo macaco com o qual não se cansou de brincar.

tância do de Elizabeth. O matrimónio é perfeito. Mike permite-lhe ser preguiçosa e boémia como ele. Não existe nenhuma razão para que não se considere feliz; só uma sombra passou por Elizabeth, e a sua beleza adquiriu, por isso, uma expressão mais dramática: a sua doença. Liz não é forte, e viu a morte muito perto dela. Os seus nervos ressentiram-se disso: chora porque o seu menino perde um dente, porque Mike ainda fala de Marlene Dietrich como de uma mulher extraordinária, porque um crítico foi severo...

Mas seu marido, que continua tão apaixonado como no primeiro dia, sabe acariciar suavemente o seu cabelo negro e fazê-la sorrir. E a vida desliza na antiga e cómoda casa dos Wilding com toda a felicidade.

«Para toda a vida», disse Elizabeth muito convencida...

★

Mas... a vida continua... Durante longos meses Liz continuou a acreditar que tinha, enfim, encontrado a felicidade. Nasceu-lhes outro filho: Christopher. Nas recepções mundanas ela não deixava nunca seu marido, e se por qualquer motivo ele se distanciava dela, imediatamente perguntava:

— Onde está Michael?

Um dia Humphrey Bogart, com a sua voz dura, acabou por dizer-lhe:

— Porque andas tu sempre atrás do teu marido como uma cadelinha? Chegas a ser ridícula!

Teria este comentário espicaçado o orgulho de Elizabeth, ou teria ele sido dito no instante em que Elizabeth se sentia já cansada do seu casamento? Não se sabe, mas pouco mais ou menos a partir dessa altura a atitude de Elizabeth para com seu marido mudou. Passando pela casa dos Wilding começaram a ouvir-se ruídos de discussões. Por vezes mesmo Elizabeth, em público, tinha palavras desagradáveis para Mike.

Os amigos tentaram intervir. Com uma candura desconcertante, ela disse-lhes:

— Oh, ele é odioso quando eu lhe faço uma cena!

— Ele insulta-te?

— Pior! Ele não me responde!

E uma manhã as implacáveis máquinas de escrever da Metro deram esta nota lacónica: «Elizabeth Taylor e Michael Wilding decidiram divorciar-se».

★

1957 — Elizabeth Taylor acaba de desposar, no México, Mike Todd, o famoso produtor de «A Volta ao Mundo em 80 Dias», o rei do Cinerama, o homem que tem feito loucuras por ela, e que ofereceu a Liz, como prenda de casamento, dois cinemas em Chicago que lhe custaram 80 milhões de francos.

Com 49 anos, filho de um pobre rabino polaco, e com uma vida bastante agitada (foi vendedor de jornais, aprendiz de farmacêutico, etc.), Mike Todd é hoje um dos vultos de maior projecção nos modernos métodos cinematográficos. Divorciado de Joan Blondell há seis anos, afirmava ser difícil viver com uma «estrela», mas Liz fê-lo mudar de ideias...

E ela? Será desta vez que Liz encontra a felicidade? Quem o pode afirmar... Por enquanto ela acha Mike «um homem maravilhoso», e tenciona abandonar o cinema. Mas... tudo pode mudar...





Além de actriz, tornou-se também escritora. Ei-la a passar os olhos por um livro infantil, que publicou, e que foi totalmente escrito e desenhado por ela.



Liz tornou-se o orgulho da família, com os seus prematuros triunfos cinematográficos. Aqui a vemos numa elegante «première», com os pais e o avô.



Ainda adolescente, já alimentava pequenos idílios, que os cronistas de Hollywood comentavam. O jovem actor Roddy Mc Dowall foi um dos seus «romances».



Muitos rapazes namoraram com a irrequieta Elizabeth, e um deles, o «astro» do futebol Glenn Davis, esteve à beira do casamento. Mas tudo terminou sem consequências.



Elizabeth, no entanto, não podia deixar de casar cedo. O seu temperamento buliçoso impelia-a para essa experiência. Nick Hilton, filho de um magnate de hoteis, foi quem a desposou.



Pouco depois, divorciaram-se. Michael Wilding, que Liz conheceu em Londres, tornou-se o seu segundo marido. Vemo-los aqui, durante a lua-de-mel, nos Alpes.



Em 6 de janeiro de 1953, Liz teve o seu primeiro filho, e considerou esse o mais importante acontecimento da sua vida. A partir de então, revelou-se uma extremosa mãe.



O casamento com Michael Wilding também fracassou, e o divórcio não se fez esperar. Com dois filhos dessa união, casou-se em terceiras núpcias com o produtor Mike Todd.

N. 9

PREÇO 2$00





